



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor

Alex Bolonha Fiúza de Mello

Vice-Reitora

Marlene Medeiros Freitas

Pró-Reitor de Administração

Murilo de Souza Morhy

Pró-Reitora de Ensino de Graduação e Administração Acadêmica

Sônia de Jesus Nunes Bertolo

Pró-Reitora de Extensão

Terezinha Valim Oliver Gonçalves

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

João Farias Guerreiro

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Francisco de Assis Matos de Abreu



DIRETORA DA EDUFPA

Laís Zumero

Divisão de Editoração

José dos Anjos Oliveira

Divisão de Distribuição e Intercâmbio

Sérgio Lima



Diretor

Manoel Gomes de Lima



LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS FONOLOGIA, GRAMÁTICA E HISTÓRIA

ATAS DO I ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL

Tomo II

**Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Aryon Dall'Igna Rodrigues**
(organizadores)



**EDITORA
UNIVERSITÁRIA
Belem - Pará
2002**

A manifestação da ergatividade cindida em línguas Pano

Eliane Camargo (CELIA / CNRS / Núcleo de História Indígena e do Indigenismo / USP)

Raquel Costa (Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Carmen Dorigo (Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Estudos tipológicos, desenvolvidos ao longo das três últimas décadas, mostraram que as línguas ergativas são caracterizadas por diferentes tipos de cisões, que podem ser motivadas por fatores semânticos ou sintáticos. Nas línguas Pano, conhecidas na literatura como línguas ergativas, a quebra da estrutura ergativa, em determinados níveis da gramática, também se manifesta, dando origem a diferenciados tipos de cisões. Como contribuição aos estudos da tipologia Pano, três línguas da família são abordadas nos artigos que se seguem: o caxinauá, o Marubo e o Matsés. Em cada uma dessas línguas, diferenciados tipos de cisões foram identificados. Abaixo apontamos as principais conclusões alcançadas neste estudo.

Em caxinauá, as cisões do padrão ergativo são observadas no emprego de pronomes livres e clíticos pronominais. Clíticos pronominais operam sobre uma base nominativo-acusativa. Pronomes livres co-ocorrem com clíticos pronominais, como argumentos acusativos, apresentando uma cisão nessa função: no singular, a marca de acusativo é *-a*; no plural, o caso acusativo é marcado por *-ø*. Em posição inicial do enunciado, os pronomes livres funcionam como tópicos, co-referentes a clíticos pronominais marcados pelo caso nominativo.

A terceira pessoa do singular não se manifesta morfologicamente. Os três papéis sintático-semânticos A, S e P são codificados pelo morfema *ø* de 3a. pessoa do singular, caracterizando a operação de um sistema neutro. O sistema neutro parece ser resultado do desenvolvimento da forma *ha*, pronome de uso anafórico/catafórico, que também opera de acordo com o sistema neutro.

Em Marubo, por outro lado, a marcação ergativa se manifesta tanto em nomes quanto em pronomes livres, em todas as pessoas, no singular e no plural. As cisões são condicionadas pelo tempo, aspecto e modalidade. O padrão ergativo é empregado em construções que descrevem situações dinâmicas, que podem acontecer no passado, no presente e no futuro. O padrão nominativo-acusativo é empregado em construções que se referem a situações com uma estrutura temporal contínua, estável, permanente, ou a

situações que na realidade não aconteceram (negação) ou são impossíveis de acontecer (impossibilidade). Tanto nomes quanto pronomes livres podem operar numa base nominativo-acusativa.

Com relação ao uso de clíticos pronominais, o Marubo se distingue da língua caxinauá, na medida em que apresenta um outro tipo de cisão, condicionada pela natureza semântica do argumento verbal. Os clíticos pronominais do Marubo operam de acordo com o sistema agente-paciente: eles são empregados para marcar agentes semânticos de verbos transitivos ou intransitivos ativos. O sistema agente-paciente pode operar simultaneamente ao sistema ergativo-absolutivo, resultando na co-referência entre formas (pro)nominais livres e clíticos pronominais.

O Matsés se distingue do caxinauá e do Marubo, apresentando um novo fator condicionante da quebra da ergatividade: a motivação discursiva. Nessa língua, a decisão de usar ou não a marca de caso ergativo indicaria, além da pressão sintática, uma atitude tomada pelo falante no nível do discurso, dependendo do grau de ambigüidade potencial apresentado pelo seu enunciado. E nos casos em que a ausência da marca ergativa não apresentasse ambigüidade, operar-se-ia na língua o sistema neutro, traduzido pela ausência de marcas morfológicas (marca nula) nos argumentos nucleares.

No que diz respeito ao emprego das formas pronominais, outra cisão pode ser observada no Matsés: a forma de primeira pessoa do plural nunca é marcada pelo morfema ergativo, mesmo em enunciados nos quais aquela marca seria prevista.

Por fim, gostaríamos de registrar a importância dos estudos lingüísticos comparativos, principalmente entre línguas de uma mesma família, como é caso das línguas aqui enfocadas. Do ponto vista sincrônico, tais estudos, além de lançarem luz sobre as hipóteses levantadas na investigação das línguas tomadas individualmente, permitem situar o lugar de cada língua, reagrupando-as dentro da família a qual pertencem, levando em conta não apenas as mudanças fonológicas¹, mas também as mudanças processadas no âmbito da morfo-sintaxe. Do ponto de vista diacrônico, e levando-se em conta os estudos sincrônicos, abre-se a possibilidade de se refazer o caminho tomado por cada gramática a partir da sua origem comum.

¹ Nesse sentido, ver Lanes, E. J.. *Mudança Fonológica em línguas da família Pano*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

Ergatividade cindida em Caxinauá (Pano)

Eliane Camargo (Centro de Estudos de Línguas Indígenas da América/CNRS /
Núcleo de História Indígena e do Indigenismo/USP)

1. INTRODUÇÃO

O caxinauá¹ apresenta três sistemas de organização das relações gramaticais: (I) sistema ergativo-absolutivo, (II) sistema nominativo-acusativo e (III) sistema neutro.

Sistema sintático	Papéis sintático-semânticos		
	P	A	S
I. ergativo-absolutivo	-∅	-{a/i}n	-∅
II. nominativo-acusativo	-∅ -a	-{a}n	
III. neutro	-∅		

O padrão sintático ergativo se manifesta com os argumentos representados por elementos nominais. O sintagma nominal que representa o argumento nuclear mais prototipicamente agentivo (A) de uma construção transitiva (argumento ergativo) é marcado pelo morfema -{a/i}n, distinguindo-se do outro argumento de uma construção transitiva, prototipicamente um paciente (P), e do argumento único de uma construção intransitiva (S) (argumentos absolutivos), que recebem o mesmo tratamento morfológico: ambos são marcados por -∅.

Com os clíticos pronominais, tem-se o padrão nominativo-acusativo: Nas funções de sujeito de uma construção transitiva (A) e de sujeito de uma construção intransitiva (S), o clítico pronominal recebe a mesma marca morfológica: o morfema -{a}n. O objeto direto de uma construção transitiva (P) recebe um tratamento diferenciado: nenhum clítico pronominal é empregado nessa função.

Formas pronominais livres co-ocorrem com clíticos pronominais, como argumentos acusativos. Nessa função, os pronomes livres apresentam uma cisão: a 1a. e a 2a. pessoas do singular são marcadas por -a, ao passo

¹ Pertencente à família linguística pano, o caxinauá (*hantxa kuin*) é falado por cerca de 5.000 mil pessoas, a saber : 3.964 no Brasil e 1400 no Peru (ISA, 2001:12). Essa sociedade pano ocupa um vasto território fronteiro entre o Brasil e o Peru, na bacia dos rios Juruá-Purus.

que as quatro pessoas do plural² recebem uma marca $-\emptyset$. Em posição inicial do enunciado, os pronominais livres funcionam como tópicos, não tendo, portanto, status de argumentos nucleares.

A 3a. pessoa do singular não se manifesta morfologicamente, podendo ser representada por um morfema $-\emptyset$, qualquer que seja sua função sintática, revelando a operação de um sistema neutro. A 3a. pessoa pode, no entanto, ser indicada pelo pronome demonstrativo *ha*, também de acordo com o sistema neutro. Há evidências de que a forma *ha* tenha operado de acordo com o sistema nominativo-acusativo em estágio anterior de desenvolvimento do caxinauá.

Nas seções que se seguem examinamos os diferentes padrões morfo-sintáticos de marcação de caso observados no caxinauá.³

2. SISTEMA ERGATIVO-ABSOLUTIVO

I. Sistema ergativo (nomes)

Caso ergativo	Caso absolutivo
A- $\{a/i\}n$	S/P- \emptyset

2.1. O MORFEMA $-\{a/i\}n$

O caso ergativo é marcado pelo morfema $-\{a/i\}n$. Para esse morfema, postulamos como forma de base o sufixo *-an*, que apresenta dois alomorfes: *-in* e *-n*. A forma *-an* sufixa-se ao termo argumental com sílaba final travada CVC, tendo como vogal nuclear um segmento não anterior.⁴

² O caxinauá diferencia duas 3as. pessoas do plural (ver adiante, nota 9)

³ Os dados aqui analisados são de primeira mão e foram coletados sobretudo em comunidades caxinauá do rio Curanja, afluente do alto rio Purus, no Peru. Por facilidade de impressão, a transcrição fornecida segue o sistema fonológico, mas não utiliza o sistema de notação do IPA. Essa língua conhece quatro vogais (a, e (vogal central média), i, u) e quatorze consoantes (p, t, tx (oclusiva palatal surda), k, b, d, y (oclusiva palatal sonora), s, x (retroflexa surda), h, ts, m, n, w).

⁴ As seguintes abreviaturas são utilizadas nas glosas: 1 = primeira pessoa; 2 = segunda pessoa; 3 = terceira pessoa; ass1 = assertivo em que o enunciador se responsabiliza pelo que enuncia; ass2 = assertivo em que o enunciador retoma o que o co-enunciador enuncia; com = comitativo; compl = aspecto completo (processo acabado); dat = dativo; dir = direcional; gen = genitivo; hab = habitual; fac = factitivo; inf = infinitivo; inter = interrogativo; instr = instrumental; loc = locativo; med = mediativo; nqr = nominalizador; or = orientador argumentativo; pl = plural; proc = processo (progressivo); rec = recíproco; refl = reflexivo; resul = estado resultante; sg = singular; SV = substituto verbal. Nos três sistemas sintáticos identificados no caxinauá, os argumentos verbais serão glosados de acordo com a grade terminológica empregada para os três papéis sintático-semânticos: A, S e P.

- (1) a. *kaman-an* *xau-∅* *keyu-a-ki*
cachorro-A osso-P comer-resul-assl
'O cachorro comeu o osso.'
- b. *amen-an* *atsa-∅* *pi-a-ki*
capivara-A macaxeira-P comer-resul-assl
'A capivara comeu a macaxeira.'
- c. *samun-an* *bake-∅* *keyu-a-ki*
abelha.rainha-A criança-P morder-resul-assl
'A abelha rainha picou a criança.'

A forma *-in* é resultado de harmonia vocálica. O sufixo *-in* se associa a bases nominais com sílaba final CVC cujo núcleo vocálico é a vogal anterior. Exceção à regra encontra-se com o termo *ain* > *ain-an* 'esposa'.

- (2) a. *yaix-in* *bake-∅* *uin-a-ki*
tatu-A criança-P olhar-resul-assl
'O tatu viu a criança.'
- b. *ixmin-in* *isa-∅* *keyu-a-ki*
gavião.rei-A pássaro-P comer-resul-assl
'O gavião rei comeu o pássaro.'

Em palavras com sílaba final CV, a forma *-an* associa-se somente à bases terminadas em vogais altas: #Ci e #Cu. Nos dados disponíveis, entretanto, *-an* aparece apenas em dois itens lexicais com sílaba final #Ci: *ui* 'chuva' e *badi* 'sol'. Com o primeiro elemento, a forma *-an* é obrigatória (3a), com o segundo, ela é facultativa, podendo alternar livremente com *-n* (*badi-an/badi-n*). Essa alternância também ocorre com a sílaba final #Cu (3b, 4a).

- (3) a. *ui-an* *bake-∅* *matxa-a-ki*
chuva-A criança-P molhar-resul-assl
'A chuva molhou a criança.'
- b. *ainbu-an* *huni-∅* *uin-a-ki*
mulher-A homem-P olhar⁵-resul-assl
'A mulher olhou o homem.'

⁵ Conforme o contexto, o lexema *uin* designa 'ver', 'olhar', 'observar', 'visitar'.

Nos demais casos cuja sílaba final é do tipo CV, a forma reduzida *-n* marca o caso ergativo. No caxinauá moderno, essa forma é a mais produtiva.

- (4) a. *ainbu-n* *huni-∅* *uin-a-ki*
mulher-A homem-P olhar-resul-assl
'A mulher olhou o homem.'
- b. *huni-n* *ainbu-∅* *uin-a-ki* 'O homem olhou a mulher.'
- c. *bake-n* *ainbu-∅* *uin-a-ki* 'A criança olhou a mulher.'

De forma geral, na literatura pano, essa marca de caso é interpretada como nasalidade vocálica. De fato, os dados do caxinauá também mostram que a consoante nasal coronal /n/ em final absoluto de sílaba nasaliza a vogal que a precede, não se realizando foneticamente no seu ponto de articulação. O sufixo *-{a/i}n* segue a mesma regra, nasalizando a vogal que o antecede.

2.2. MANIFESTAÇÕES DO PADRÃO ERGATIVO

O sistema ergativo-absolutivo ocorre em argumentos representados por nominais. Os exemplos em (5) mostram que nomes na função de A recebem uma marca ergativa (*-{a/i}n*), ao passo que nomes na função de S e P recebem uma marca absoluta (*-∅*).

- (5) a. *na* *bake-n* *ainbu-∅* *uin-mis-ki*
dem criança-A mulher-P olhar-hab-assl
'Esta criança sempre olha a mulher.'
- b. *ainbu-n* *na* *bake-∅* *uin-mis-ki*
mulher-A dem criança-P olhar-hab-assl
'A mulher sempre olha esta criança.'
- c. *bai-anu* *na* *ainbu-∅* *meste* *ka-mis-ki*
roçado-dir dem mulher-S só ir-hab-assl
'Esta mulher sempre vai só ao roçado.'

Na presença de mais de um núcleo em função de A, indicado pela conjunção aditiva *inun* 'e', o sufixo *-{a/i}n* associa-se ao segundo elemento argumental:

- (6) *paku* *inun* *haidu-n* *hatu-n* *bai-∅* *menu-mis-ki*
paku e haidu-A 3pl-gen roçado-P queimar-hab-assl
'Paco e Jairo sempre queimam o roçado deles.'

Em sintagmas nominais em função de A, a marca ergativa se associa ao termo determinante:

- (7) *bake* *pixta-n* *yukan-ø* *xea-a-ki*
 criança pequeno-A goiaba-P absorver-resl-assl
 'A criancinha sempre come goiaba.'

O valor aspecto-temporal não interfere na marcação de caso. Os enunciados em (5-7), especificados por *-mis*, marca de evento habitual, são construídos numa base ergativa. Outras marcas aspecto-temporais são observadas em construções ergativas. É o caso do sufixo *-xu*, que indica processo acabado (designado pela glosa compl(eto)) em (8a); ou da combinação entre o morfema temporal *-xin*⁶ e o morfema aspectual de estado resultante *-a* em (8b), denotando ação realizada em momento anterior ao ato de enunciação; ou ainda do sufixo *-ai* em (8c), que indica processo em desenvolvimento, concomitante ao ato de enunciação. Em todos esses tipos de enunciados, opera o sistema ergativo.

- (8) a. *ainbu-n* *bake-ø* *uin-xu-ki*
 mulher-A criança-P olhar-compl-assl
 'A mulher olhou a criança.'
- b. *ainbu-n* *bake-ø* *uin-xina-ki*
 mulher-A criança-P olhar-resul-assl
 'A mulher olhou a criança.' (ontem ou há alguns dias atrás)
- c. *ainbu-n* *bake-ø* *uin-ai*
 mulher-A criança-P olhar-proc
 'A mulher está olhando a criança.'

Construções marcadas por morfemas que remetem ao recíproco (*name* ou *-nanan*) ou ao reflexivo (*-k-*), afixados ao verbo, são construídas como intransitivas. Assim, na voz recíproca, participantes cujo papel semântico pode alternar entre agente e paciente são marcados como S, isto é, como argumentos absolutivos.

⁶ O sufixo temporal *-xin* expressa que uma ação se realiza à noite: *en mia uin-xin-ai* 'eu te vejo/visito à noite'. A combinação entre o sufixo *-xin* e o morfema aspectual de valor estativo *-a* remete a uma ação ocorrida à partir da noite anterior ao momento de enunciação: *en mia uin-xin-a-ki* 'eu te vi/visitei'. A interpretação literal sugere a seguinte leitura: 'estou no estado resultante de ter te visto/visitado (em um momento anterior ao dia da enunciação)'. A combinação *-xina* realiza-se como [ʃiã] quando associada a um verbo monossilábico.

- (9) a. *paku-n haidu-∅ txatxi-mis-ki, txatxi-ti*
 paku-A haidu-P furar-hab-assl, furar-nzr
 (lit. Paco sempre fura Jairo com furador/seringa)
 ‘Paco sempre dá injeção no Jairo.’

- b. *paku-∅ txatxi-name-mis-ki*
 paku-S furar-rec-hab-assl
 ‘Paco dá injeção (em alguém que por sua vez dá em Paco)’

- (10) a. *paku-n madia-∅ uin-mis-ki, kolombiana-anua-dan*
 *paku-A Madia-P visitar-hab-assl kolombiana-dir-dan*⁷
 ‘Paco sempre visita Maria, em Colombiana.’

- b. *paku inun madia-∅ uin-nanan-mis-ki*
 paku e Madia-S visitar-rec-hab-assl
 ‘Paco e Maria se visitam.’

O mesmo acontece em construções reflexivas. Elas são construídas como intransitivas, de modo que o participante único recebe a marcação do caso absolutivo:

- (11) a. *huni-n paku-∅ txatxi-a-ki, nupe-wen-dan*
 homem-A paku-P furar-resul-assl, faca-instr-dan
 ‘O homem furou Paco com a faca.’

- b. *huni-∅ txatxi-ki-a-ki, nupe-wen-dan*
 homem-S furar-refl-resul-assl, faca-instr-dan
 ‘O homem se furou com a faca.’

Em (12), o lexema verbal *betxu* ‘lavar.o.rosto’ tem o complemento incorporado semanticamente. Numa construção reflexiva, o verbo é intransitivizado; o argumento único leva, pois, a marca de caso absolutivo:

- (12) a. *paku-n haidu-∅ betxu-mis-ki*
 paku-A haidu-P lavar.o.rosto-hab-assl
 ‘Paco lava o rosto de Jairo.’

- b. *paku-∅ betxu-ki-mis-ki*
 paku-S lavar.o.rosto-refl-hab-assl
 ‘Paco lava o seu (próprio) rosto.’

⁷ Morfema em estudo.

Nominais que designam fenômenos da natureza como *badi* 'sol', *niwe* 'vento' e *ui* 'chuva' apresentam propriedades de agentividade, recebendo a marcação de caso ergativo:

- (13) a. *badi-n* *bake-∅* *ku-ima-ki*, *xuku-ai*
 sol-A criança-P queimar-*ima*⁸-ass1, descascar-proc
 'O sol queimou a criança, (e agora) ela está descascando.'
- b. *ui-an* *bai-∅* *matxa-a-ki*
 chuva-A roçado-P molhar-resul-ass1
 'A chuva molhou o roçado.'

Elementos inanimados como 'pau' e 'faca', ao contrário, são deprovidos de propriedade agentiva, ocorrendo apenas como P, isto é, como participantes que sofrem a ação. Isso pode ser observado em (14b), onde A não se manifesta morfologicamente (ver 3.3 adiante) e *hi* 'pau' só pode ser interpretado como P, não como S ou A.

- (14) a. *huni-n* *hi-∅* *menu-mis-ki*
 homem-A pau-P queimar-hab-ass1
 'O homem sempre queima pau.'
- b. *∅* *hi-∅* *menu-mis-ki*
 3sg.A pau-P queimar-hab-ass1
 'Ele sempre queima pau.'
 '* O pau (sempre) queima.'

Vale notar que, em alguns casos, a morfologia pode nos levar a uma interpretação errônea do significado. Por exemplo, em construções com argumentos oblíquos, também marcados pelo morfema *-n*. Em (15a), *xaxu* 'canoa' recebe a marca de caso instrumental, que pode ser confundida com a marca de caso ergativo, dado à ausência morfológica de A (ver 3.3). Já em (15b), o argumento *xaxu* só pode ser interpretado como instrumental, na medida em que recebe uma marca distinta do morfema ergativo.

- (15) a. *∅* *xaxu-n* *ka-ai*
 3sg.S canoa-instr ir-proc
 'Ele está indo de canoa.'
 (*a canoa está indo embora)

⁸ Valor aspecto-temporal em estudo.

- b. \emptyset *xaxu-wen* *ka-ai*
 3sg.S canoa-instr ir-proc
 ‘Ele está indo com a canoa.’

3. CISÕES NO PADRÃO ERGATIVO

3.1. SISTEMA NOMINATIVO-ACUSATIVO

II. Sistema nominativo (argumentos pronominais)

Caso nominativo	Caso acusativo
A, S- <i>{a}/n</i>	P- <i>a</i> (singular) P- \emptyset (plural)

A língua caxinauá apresenta clíticos pronominais marcados por -*{a}/n*, que podem ser empregados tanto com referência a A quanto com referência a S. Nenhum clítico é empregado para marcar P. Falta a esse sistema a forma correspondente à 3a. pessoa do singular. O sistema de clíticos pronominais pôde ser observado no quadro abaixo.

Clíticos pronominais

	Singular	Plural
1	e-n	nu-n
2	mi-n	ma-n
3	\emptyset	hatu-n (pl. ho) ⁹ habu-n (pl. he)

Tratando S e A distintamente de P, os clíticos pronominais operam de acordo com o sistema nominativo-acusativo. Nomes na função de P recebem a marca - \emptyset de acusativo. Como mostram os exemplos a seguir:

- (16) a. *bai-anu* *e-n* *meste* *ka-mis-ki*
 roçado-dir 1sg-S só ir-hab-assl
 ‘Eu sempre vou só ao roçado.’

- b. *e-n* *bake- \emptyset* *uin-mis-ki*
 1sg-A criança-P observar-hab-assl
 ‘Eu sempre observo a criança.’

⁹ O caxinauá diferencia duas 3as. pessoas do plural: *hatu* e *habu*. O enunciador emprega a forma *hatu* para se referir às pessoas do seu núcleo social. A forma *habu* tem um sentido genérico. Essas formas são designadas, respectivamente, como ‘plural homogêneo’ e ‘plural heterogêneo’.

- c. *mi-n* *bake-∅* *uin-mis-ki*
 2sg-A criança-P observar-hab-assl
 'Você sempre observa a criança.'
- d. *nu-n* *bake-∅* *uin-mis-ki*
 1pl-A criança-P observar-hab-assl
 'Nós sempre observamos a criança.'
- e. *ma-n* *bake-∅* *uin-mis-ki*
 2pl-A criança-P observar-hab-assl
 'Vocês sempre observam a criança.'
- f. *hatu-n* *bake-∅* *uin-mis-ki*
 3pl.ho-A criança-P observar-hab-assl
 'Eles sempre observam a criança'
- g. *maxi-n,* *hatu-n* *uxa-mis-ki*
 praia-loc 3pl.ho-S dormir-hab-assl
 'Eles sempre dormem na praia.'

Pronominais livres podem co-ocorrer com clíticos pronominais, na função de P, como argumentos acusativos. Nessa função, os pronomes livres apresentam uma cisão: no singular, eles são marcados por *-a*.¹⁰ No plural, entretanto, eles recebem uma marca *-∅*. Cabe notar que, na função de P, as duas 3as. pessoas do plural são obrigatórias (18c-d).

- (17) a. *mi-n* *e-a* *uin-ai*
 2sg-A 1sg-P observar-proc
 'Você está me observando.'
- b. *e-n* *mi-a* *uin-ai*
 2sg-A 1sg-P observar-proc
 'Estou te observando.'
- (18) a. *ma-n* *nuku-∅* *uin-ai*
 2pl-A 1pl-P observar-proc
 'Vocês estão nos observam.'

¹⁰ Postula-se aqui que somente no singular o acusativo seja marcado pelo morfema *-a*. Essa interpretação se deve à ocorrência das formas de base desses pronominais sempre como *e-* '1sg', *mi-* '2sg' e *ha-* '3sg', quando outros morfemas de caso lhes são agregados. Exemplificamos a 1a. pessoa: *e-be* (1sg-com) 'comigo', *e-ki* (1sg-ablativo) 'de mim', *e-wen* (1sg-caus) 'por minha causa', *e-n* (1sg-nom) 'eu, nominativo', e *e-a* (1sg-ac) 'me'.

b. *nu-n* *matu-∅* *uin-ai*
 1pl-A 2pl-P observar-proc
 'Nós estamos observando vocês.'

c. *mi-n* *hatu-∅* *uin-ai*
 2sg-A 3pl-P observar-proc
 'Você estão observando-os.'

d. *e-n* *habu-∅* *uin-ai*
 1sg-A 3pl-P observar-proc
 'Eu estou observando-os.'

Os exemplos a seguir mostram a ocorrência de clíticos pronominais em enunciados mais complexos:

(19) *ikis,* *mi-n* *ma* *∅* *xuxa-xun-a-ka,*
 agora, 2sg-A já 3sg-P curar-OR-resul-ass2,
e-n *benima haida-ai,*
 1sg-S contente muito-proc
 'Agora, você já o curou, estou muito contente.'

(20) *e-n* *ninka-xina-ki,* *e-n* *xinan-ai:*
 1sg-A escutar-asp-ass1, 1sg-A pensar-proc:
e-n *mawa-i* *dabanan,* *i-xina-ki*
 1sg-S morrer-inf temer SV-resul-ass1
 'Eu escutava, eu pensava: eu estou com medo de morrer.'

Nessa língua de estrutura mista, um mesmo morfema *-{a/i}/n* marca tanto o argumento que assume as funções gramaticais de A e S, no caso nominativo, quanto a função gramatical de A, no caso ergativo. Por outro lado, a mesma forma *-∅* codifica a função de P, marcando o caso absolutivo, em construções ergativas, e o caso acusativo, em construções acusativas. Exceção feita aos pronomes livres de 1a. e 2a. pessoas do singular, que são, no caso acusativo, codificadas por *-a* (*e-a* '1sg', *mi-a* '2sg').

3.2. PRONOMES LIVRES NA FUNÇÃO DE TÓPICO

Os pronomes livres podem funcionar como tópicos, quando ocupam a posição inicial no enunciado. Nessa posição, uma forma pronominal livre recebe a marca *-{a}/n*, quando co-referente a A, e a marca *-a* (1a. e 2a. pessoas do singular) ou *-∅* (plural), quando co-referente a S e P, revelando uma

marcação de base ergativa¹¹. Como tópicos, as formas livres co-ocorrem com os clíticos pronominais, marcados pelo caso nominativo. O sistema de pronominais livres e respectivas marcas de caso pode ser observado no quadro abaixo.

Pronomes livres

	Singular				Plural			
	A		S		A		S	
1.	e		e		nuku		nuku	
2.	mi	<i>-an</i>	mi	<i>-a</i>	matu	<i>-n</i>	matu	<i>-∅</i>
3.					hatu	<i>-n</i>	hatu	<i>-∅</i>
					habu		habu	

Exemplos da ocorrência de pronomes livres funcionando como tópicos, co-referentes a argumentos nominativos, podem ser observados em (21-24).

- (21) a. *e-an*, *e-n* *anu-∅* *tsaka-a-ki*
 1sg-A.TOP, 1sg-A paca-P matar-resul-assl
 ‘(Eu,) eu matei paca.’
- b. *e-a*, *bai-anu* *e-n* *ka-ai*
 1sg-S.TOP, roçado-dir 1sg-S ir-proc
 ‘(Eu,) eu estou indo ao roçado.’
- (22) a. *mi-an*, *mi-n* *anu-∅* *tsaka-a-ki*
 2sg-A.TOP, 1pl-A paca-P matar-resul-assl
 ‘Você, você matou paca.’
- b. *mi-a*, *bai-anu* *mi-n* *ka-ai*
 1sg-S.TOP, roçado-dir 2sg-S ir-proc
 ‘Você, você está indo ao roçado.’
- (23) a. *nuku-n*, *nu-n* *anu-∅* *tsaka-a-ki*
 1pl-A.TOP, 1pl-A paca-P matar-resul-assl
 ‘Nós, nós matamos paca.’
- b. *nuku-∅*, *bai-anu* *nu-n* *ka-ai*
 1pl-S.TOP, roçado-dir 1pl-S ir-proc
 ‘Nós, nós estamos indo ao roçado.’

¹¹ De acordo com Loos (1999:241), formas pronominais livres funcionam como pronomes enfáticos e também operam sobre uma base ergativa em capanauá.

(24) a. *hatu-n*, *hatu-n* *anu-∅* *tsaka-a-ki*
 3pl-A.TOP, 3pl-A paca-P matar-resul-assl
 'Eles; eles matam paca.'

b. *hatu-∅*, *bai-anu* *hatu-∅* *bu-ai*
 3pl-S.TOP, roçado-3ir 3pl-S ir¹²-proc
 'Eles, eles estão indo ao roçado.'

Pronomes livres na função de tópico não têm status de argumento verbal. Embora apresentando vestígios de uma marcação de base ergativa, tais formas podem co-ocorrer, sem problemas, com argumentos nominativos. Cabe notar que a 3a. pessoa do plural apresenta uma forma homófona tanto para o pronome clítico quanto para o pronome livre.

Assim como ocorre com os pronomes livres em função de tópico, o pronome interrogativo 'quem' obedece ao padrão ergativo-absolutivo, recebendo, em uma construção transitiva, a marca de caso ergativo *-n* (25), e em uma construção intransitiva, a marca *-∅* de caso absoluto (26):

(25). *tsua-n* *e-n* *piti-∅* *pi-xu-men*
 quem-A 1sg-gen comida-P comer-compl-inter
 'Quem comeu a minha comida?'

(26). *tsua-∅ hu-xu-men*
 quem-S vir-compl-inter
 'Quem chegou?'

Esses dados sugerem que, outrora, a língua conheceu um padrão ergativo, e que ocorrera, mais tarde, uma cisão do sistema ergativo-absolutivo, em direção ao sistema nominativo-acusativo¹³.

3.3. Sistema neutro: 3a. pessoa do singular

III.a. Sistema neutro

Referentes A, S, P indicados por *∅*

¹² Dois lexemas verbais designam 'ir': *ka* e *bu*. Este último emprega-se somente com a 3a. pessoa do plural.

¹³ Fenômeno de mudança tipológica atestado em estudos diacrônicos (Desclés, 1990:248-249, 265). O desenvolvimento de sistemas ergativos em sistemas acusativos é observado, por exemplo em chol, língua ameríndia, ou ainda em georgiano, língua do Cáucaso do Sul (Comrie, 1978).

A 3a. pessoa do singular não se manifesta morfologicamente como argumento nuclear. A sua ausência morfológica é a própria indicação de sua presença semântica. Em (27b), uma construção transitiva, só A está presente morfologicamente. A leitura dessa construção implica a presença de um P, interpretado como 3a. pessoa do singular, representada por \emptyset . Em (28b), o argumento P se manifesta morfologicamente, sendo A interpretado como 3a. pessoa do singular, manifestada pela marca \emptyset . Já em (28c), o argumento ausente, também codificado por um morfema $-\emptyset$, desempenha a função de S.

(27) a. *hawa* *mi-n* *wa-ai?*
 que 2sg-A fazer-proc
 ‘O que é que você está fazendo?’

b. *e-n* \emptyset *uin-ai*
 1sg-A 3sg.P observar-proc
 ‘Estou observando-o.’

(28) a. *hawa* \emptyset *{w}a-men?*
 Que 3sg-A fazer-inter
 ‘O que é que ele está fazendo?’

b. \emptyset *e-a* *uin-ai*
 3sg.A 1sg-P observar-proc
 ‘Ele está me observando.’

c. *bai-anu* \emptyset *ka-iki-ki*
 roçado-dir 3sg.S ir-med-assl
 ‘(Parece que) ela está indo ao roçado.’

Esses dados mostram que a 3a. pessoa do singular não se realiza morfologicamente na fala real, podendo ser recuperada pelo contexto, seja em função de A, seja em função de S, seja em função de P. Na medida em que a mesma marca morfológica \emptyset é empregada para marcar os três papéis sintático-semânticos, tem-se que a 3a. pessoa do singular opera de acordo com o sistema neutro.

III. b. Sistema neutro

Referentes A, S, P indicados por <i>ha</i> (pronome anafórico/catafórico)

Em algumas línguas pano, segundo a literatura lingüística, a forma *ha* aparece como pronome de 3a. pessoa do singular (Dixon, 1994; Loos, 1999). De fato, o caxinauá conhece um pronome *ha*. Porém, sincronicamente falando, trata-se de um pronome demonstrativo, de valor anafórico ou catafórico, que também pode ocupar uma das diferentes posições argumentais S(29), A(30) ou P(31):

- (29) *mai-n ha mesti hu-mis-ki*
 terra-loc 3sg.S só vir-hab-assl
 'Aquele (a quem referimos) vem à pé pelo caminho.'

- (30) *e-a ha a-mis-ki, hancawan e-n ain-an-dan*
 1sg-P 3sg.A fazer-hab-assl falar.forte 1sg-gen esposa-A-dan
 'Ela faz desse jeito para mim, minha esposa fala alto/grosso (comigo).'

- (31) *mi-n ha haska wa-ma-i-dan, yusin ninka-is-ma-ki*
 2sg-A 3sg.P assim fazer-fac-¹⁴-dan, aprender escutar-hab-neg-assl
 'Você deve não fazer isso assim, (você) não escuta para aprender.'

Em (32) o uso é de catáfora:

- (32) *e-n ha a-mis-ki, hancawan e-n ain-dan*
 1sg-A 3sg.P fazer-hab-assl falar.forte 1sg-gen esposa-dan
 'Eu também faço o mesmo com ela, falo forte com a minha esposa.'

Entretanto, *ha* parece ter-se cristalizado como forma única para todas essas funções, na medida em que não recebe nem a marca de nominativo *-{a}n* nem a marca de acusativo *-a*, conforme se vê nos exemplos acima. Da mesma forma que o morfema \emptyset de 3a. pessoa do singular, *ha* opera de acordo com o sistema neutro.

Traços de marcação nominativo-acusativa na forma *ha* aparecem nas construções que expressam 'ele também'. Como se observa nos exemplos abaixo, essas expressões ocorrem na posição de tópico e são co-referentes a argumentos nominativos (33) ou acusativos (34).

- (33) *ha-n tsemi, \emptyset bi-ai, mabu- \emptyset -dan*
 3sg-A também.TOP, 3sg.A comprar-proc, coisas-P-dan
 'Ele também, ele está comprando, coisas.'

- (34) *ha-a-di, \emptyset \emptyset bi-a, mabu- \emptyset -dan*
 3sg-P-também.TOP, 3sg.P 3sg.A comprar-proc, coisas-P-dan
 'Para ele também, ele está comprando, coisas.'

¹⁴ Valor aspecto-temporal em estudo.

Parece que, em estágio de desenvolvimento anterior, a 3a. pessoa do singular também operava de acordo com o sistema nominativo-acusativo, juntamente com os outros clíticos pronominais. No falar contemporâneo, atesta-se um sistema neutro somente na 3a. pessoa do singular: diferentes papéis sintático-semânticos são identificados justamente pela ausência lexical do pronome ou pela forma única *ha*.

4. A ANÁLISE DE DIXON (1994)

Para finalizar, cabem algumas observações a respeito da análise proposta por Dixon (1994:86) e retomada por Payne (1977:156-158), para mostrar as condições condicionadas pela natureza semântica do sintagma nominal. Para isso, retomamos abaixo o quadro que Dixon apresenta para esquematizar as condições do caxinauá.

A	-∅	<i>habu~</i>	I.	Nasalisation
S	-∅	<i>habu</i>		-∅
O	<i>-a</i>	<i>haa</i>		-∅
	1st and 2nd person pronouns	3rd person pronoun	proper names and common nouns.	

Com os argumentos nominais, de fato, é o sistema ergativo que se manifesta, com a marcação de A através do sufixo *-{a/i}/n*. Como vimos em 2.1, a consoante nasal /n/ em coda silábica nasaliza a vogal que a precede. Razão pela qual, Dixon refere-se a esse sufixo como traço fonológico. Com os argumentos pronominais, ao contrário, o quadro que Dixon propõe apresenta problemas. Primeiro, os pronomes de 1a. e 2a. pessoas do singular e do plural são morfologicamente marcados por -∅ na função de A e S. Vimos acima que os clíticos pronominais do caxinauá são marcados por *-{a}/n* tanto na função de A quanto na função de S, conforme o sistema nominativo-acusativo. Segundo, esse autor apresenta para a 3a. pessoa as formas *ha* e *habu*¹⁵, marcadas distintamente nos diferentes papéis gramaticais: *habu-n* na função de A, *habu-∅* na função de S e *ha-a* na função de O, evidenciando assim um sistema tripartite para a 3a. pessoa¹⁶. A análise dos dados do caxinauá contemporâneo, aqui proposta, atesta um sistema neutro e não um sistema tripartite. De qualquer forma, tanto Dixon quanto Payne observam

¹⁵ O autor não faz nenhuma referência à outra forma de 3a. pessoa do plural: *hatu*

¹⁶ Cabe informar que Dixon dispõe de dados caxinauá de segunda (Cromack) e de terceira mão (Merrifield et al), como sugere a nota 15 (p. 86).

que em caxinauá existe uma quebra no padrão sintático no que diz respeito à 3a pessoa. Porém, esses autores não se referem ao fato de que a cisão se dá especificamente na 3a. pessoa do singular.

5. CONCLUSÕES

A análise proposta revela três sistemas de marcação das relações gramaticais operando em caxinauá: o padrão ergativo-absolutivo, o padrão nominativo-acusativo e o padrão neutro.

O sistema ergativo-absolutivo ocorre com argumentos representados por nomes. O sistema nominativo-acusativo se manifesta no sistema de clíticos pronominais. Pronomes livres co-ocorrem com clíticos pronominais como argumentos acusativos. Há, entretanto, uma cisão no que diz respeito ao emprego dos pronomes livres: no singular, a marca de acusativo é *-a*; no plural, o acusativo recebe a marca *-o*. Embora operem numa base ergativa, pronomes livres em posição inicial do enunciado não têm status de argumento nuclear. Eles funcionam como tópicos, podendo co-ocorrer com clíticos pronominais marcados pelo caso acusativo.

A 3a pessoa do singular não se manifesta morfologicamente como argumento nuclear. Os três papéis sintático-semânticos A, S e P são codificados pelo morfema *o* de 3a. pessoa do singular, caracterizando a operação de um sistema neutro. Há evidências na língua de que, em estágio anterior de desenvolvimento, a 3a. pessoa do singular tenha operado numa base nominativo-acusativa, juntamente com os outros clíticos pronominais.

Uma generalização observada nas línguas do mundo é que nas línguas ergativas o argumento ergativo é o argumento morfologicamente marcado, ao passo que nas línguas acusativas o argumento morfologicamente marcado é o acusativo. É interessante ver que, em caxinauá moderno, tanto o nominativo quanto o acusativo apresentam marcas morfológicas. Essa característica diferenciada do caxinauá se explicaria pela seguinte hipótese: o sistema nominativo-acusativo ter-se-ia originado do sistema ergativo-absolutivo, fenômeno comumente observado em estudos diacrônicos.

Estudos mais aprofundados dos dados do caxinauá, assim como estudos comparativos no âmbito da família pano, podem contribuir para uma classificação tipológica das línguas desta família, no que diz respeito aos diferentes sistemas envolvidos no estabelecimento das relações gramaticais.

Agradeço a Raquel Costa pela leitura crítica e comentários pertinentes sobre o presente texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Benveniste, E. 1966. "Structure des relations de personne dans le verbe", *Problèmes de linguistique générale*, 1, Paris, TEL Gallimard, 225-236.
- Benveniste, E. 1966. "La nature des pronoms", *Problèmes de linguistique générale*, 1, Paris, TEL Gallimard, 251-257.
- Camargo, E. 1996. "Des marqueurs modaux en caxinaua", *Amerindia* 21, Paris, A.E.A., 1-20.
- Camargo, E. 1998. "La structure actancielle du caxinaua", *La Linguistique* Vol. 34 (1), Paris, PUF, 137-150.
- Camargo, (no prelo) "Cashinahua personal pronouns in grammatical relations". In der Voort & Meira (eds), *Indigenous Languages of Lowland South America*, vol. 2, CNWS publications, Leiden University, 21 p.
- Comrie, B. 1978. "Ergativity". In Lehman(ed) *Syntactic typology: Studies in the phenomenology of language*, Austin, Univ. of Texas Press, 329-394.
- Desclés, J.-P. 1990. "Typologie de langues et invariants grammaticaux". In *Langages applicatifs, langues naturelles et cognition*. Paris, Hermes, 239-271.
- Dixon, R. W. 1994. *Ergativity*, Cambridge University Press, 271 p.
- Isa, 2001. *Povos Indígenas no Brasil, 1996-2000*. São Paulo: Instituto Socio Ambiental.
- Loos, E. 1999. "Pano". In Dixon & Aikhenvald (eds), *The Amazonian Languages*, Cambridge Language surveys, Cambridge University Press, 227-250.
- Payne, Th. E. 1997. *Describing morphosyntax. a guide for field linguists*. Cambridge University Press, 413p.
- Silverstein, M. 1976, "Hierarchy of features and ergativity". In Dixon, R. M. W., editor, *Grammatical categories in Australian languages*. Linguistic Series 22 (Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies), 122-71.

Ergatividade cindida em Marubo

Raquel Costa (Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

1. INTRODUÇÃO

Estudos tipológicos desenvolvidos nas três últimas décadas levaram a um conjunto de generalizações envolvendo as línguas ergativas. Entre elas, a presença constante de cisões, condicionadas por fatores semânticos ou sintáticos (Silverstein 1976; Comrie 1978; Dixon 1979, 1994; Mithun 1991). Nas línguas Pano, essa diversidade também se manifesta. Como contribuição aos estudos tipológicos dessa família lingüística, pretendemos, neste trabalho, abordar os diferentes sistemas de organização das relações gramaticais que operam na língua Marubo, mostrando, ainda, uma nova proposta de análise, com relação ao emprego dos clíticos pronominais.

A língua Marubo é falada por quatro grupos que habitam a região do Vale do Javari, localizado na região do Alto Solimões, no extremo oeste do estado do Amazonas, na fronteira entre Brasil e Peru. Todos os dados apresentados neste estudo foram fornecidos por Pa'naN e Pi'naNpa, falantes da comunidade São Sebastião, localizada no rio Curuçá, afluente da margem direita do rio Javari.

Na seção 2, descrevemos as estratégias de marcação de caso utilizadas pela língua, assim como as manifestações da ergatividade em Marubo. Apresentamos, em seguida, dois tipos de cisões do padrão ergativo: a cisão condicionada pelo sistema de tempo, aspecto e modalidade, na qual opera o sistema nominativo-acusativo (seção 3), e a cisão condicionada pela natureza semântica do argumento verbal, com a operação do sistema agente-paciente (seção 4). As conclusões mais importantes alcançadas neste estudo são sintetizadas na seção 5.

2. SISTEMA ERGATIVO-ABSOLUTIVO

2.1. ESTRATÉGIAS DE MARCAÇÃO DE CASO

O sistema de marcação de caso em Marubo é do tipo ERGATIVO-ABSOLUTIVO (ver Costa 1992, 1998, 2000b), sistema no qual argumentos nucleares são categorizados como ergativos e absolutivos. A categoria er-

* Este trabalho está vinculado ao do projeto de pesquisa *Aspectos da Gramática Marubo (Pano): Uma Abordagem Sincrônico-Diacrônica*, desenvolvido no Museu Nacional/UFRJ, com apoio financeiro da FAPERJ (Processo E-26/172.031/2000).

gativa é reservada ao participante mais agentivo de uma oração transitiva (A), enquanto a categoria absoluta representa o outro argumento nuclear da oração transitiva (P) ou o argumento nuclear único de uma oração intransitiva (S). (Abordagens à ergatividade podem ser vistas, por exemplo, em Comrie 1978; Dixon 1979, 1994; Mithun 1999). A manifestação da ergatividade em Marubo pode ser observada em 1.¹

- (1) a. $\begin{matrix} t & & y & & y_ty \\ v\check{a}'ku\ddot{u} & 'ʔis\ddot{o} & 'y\ddot{e}m\check{a}m\check{a}'k\check{a}ts\check{e}i \\ va'ki-N & 'isu-\emptyset & 'yamama-'katsai \\ \text{criança-ERG} & \text{macaco-ABS} & \text{matar-FUT} \\ \text{'O menino matará o macaco.'} \end{matrix}$
- b. $\begin{matrix} & y & & th \\ 'v\check{a}ku\ddot{u} & n\ddot{u}'k\ddot{u}\check{a}t & & \\ 'vaki-\emptyset & nu'ku-ai & & \\ \text{criança-ABS} & \text{chegar-PRES/IM} & & \\ \text{'O menino está chegando/chegou.'} \end{matrix}$

O caso ABSOLUTIVO é marcado por \emptyset . O caso ERGATIVO varia em forma, dependendo da estrutura morfológica e da estrutura métrica do sintagma nominal ao qual se afixa.² As mesmas estratégias são usadas para marcar os casos LOCATIVO, MEIO, INSTRUMENTAL e GENITIVO-POSSESSIVO. A marcação ergativa se manifesta ainda em pronomes livres, em todas as pessoas, no singular e no plural.

¹ As seguintes abreviaturas aparecem nas glosas: ABS = absoluto; AC = acusativo; AGT = agente gramatical; AUX = auxiliar; CONT = contínuo; DEM = demonstrativo; DIM = diminutivo; DIR = direção; ENF = enfático; ERG = ergativo; FOC = foco; FUT = futuro; I = intransitivo; IM = passado imediato; IMPOS = impossibilidade; INSTR = instrumental; INT = interrogativa; LOC = locativo; MODO = modo; MEIO = meio; NEG = negação; NOM = nominativo; NOMIN = nominalizador; PERM = estado permanente; PL = plural; POSS = possessivo; NP = nome próprio; POSS = possessivo; PRES = presente; PROV = proveniência; REC = passado recente; REFL = reflexivo; REM = passado remoto; RES = resultativo; SG = singular; T = transitivo; VIS = visível; 1, 2, 3 = primeira, segunda, terceira pessoas. Hifen (-) indica afixo; sinal de igual (=) indica clítico; dois pontos (..) indicam pausa breve.

² Como se pode ver pela transcrição fonética, o acento em Marubo é caracterizado pela altura, duração e intensidade máximas, sendo a altura o principal correlato, conforme indicado pelas elevações e quedas na primeira linha (Duração e intensidade são previsíveis a partir da altura). Levando em conta a co-existência de troqueus e iambos silábicos, tanto no caso absoluto quanto no caso ergativo, assim como as alternâncias trocaico-iâmbicas resultantes da marcação de caso, assumimos que o Marubo é uma língua trocaico-iâmbica (ver Costa 2000a).

2.1.1. O sufixo - *Ń*

Esse tipo de marcação de caso consiste na nasalização da vogal final da base nominal. Isso é interpretado como a realização fonética do morfema de ergatividade - *Ń*, uma nasal sem local que, ao se afixar à base, trava sua sílaba final, propiciando a nasalização da vogal precedente. Esse tipo de marcação é encontrado em monossílabos, troqueus dissilábicos, trissílabos e compostos polissilábicos.

A grande maioria das palavras simples do Marubo, na sua forma de citação, é constituída por troqueus, isto é, dissílabos com a primeira sílaba acentuada. Quando elas são marcadas pelo morfema ergativo, entretanto, o acento se transfere da primeira para a segunda sílaba.

- (2) 'kama ka'ma-*Ń* 'kiNpu-ø 'kini=a-vai
 'nome próprio' NP-ERG cuia-ABS pintar=AUX.T-REC
 'Kama pintou a cuia.'

Nos outros casos, a marcação de caso se faz apenas através da nasalização vocálica resultante da afixação do morfema ergativo - *Ń*. A proeminência silábica não se altera, qualquer que seja a sílaba acentuada.³

- (3) 'vu 'nome próprio' 'vu-*Ń* 'NP-ERG'
 'takari 'galinha' 'takari-*Ń* 'galinha-ERG'
 mi'mawa 'nome próprio' mi'mawa-*Ń* 'NP-ERG'
 ki'ya-'raNtʃa 'avião' ki'yaraNtʃa-*Ń* 'avião-MEIO'

2.1.2. O sufixo - *hV_{.AI}*

O sufixo - *hV_{.AI}* é constituído por nasal coronal mais vogal alta sem local. Esse sufixo é representado como - *hV_{.AI}*, onde *.AI* representa [-aberto 1], um alto grau de abertura (ver Clements e Hume 1995).⁴ Esse tipo de marcação ocorre em dissílabos iâmbicos com a vogal final já nasalizada, isto é, com a sílaba final travada por nasal sem local. Com a afixação do morfema ergativo, o acento se transfere da segunda sílaba para a primeira. A vogal alta do sufixo assimila o traço de local da vogal final da base no-

³ Vale notar que a palavra para 'avião' é um composto formado pelas raízes *ki'ya* 'longo' e *'raNtʃa* 'barco'. Como se vê em 5, o acento da segunda raiz submete-se ao acento da primeira. Em Costa (2000a), propomos que, após a atribuição de acento na camada do composto, através da aplicação da Regra Final à Esquerda (ver Hayes 1995), os compostos são reanalisados como formas únicas com proeminência inicial.

⁴ Assumimos, seguindo Clements e Hume (1995), que os mesmos conjuntos de traços caracterizam consoantes e vogais.

minal. Os exemplos abaixo mostram que, se a vogal precedente é [dorsal], o sufixo se superficializa como [ni] (5b-c); se a vogal precedente é [coronal], ele se superficializa como [ni] (5d).⁵

(4)	ka'maN	'kamaN-nV ₀₁	'wakapaʃa-ø	'a-ka
	'onça'	onça-ERG	água-ABS	AUX.T(beber)-PRES/IM
		'A onça está bebendo água.'		

(5) a.	/ka'maN/	'onça'	['kamēnĩ]	'onça (ERG)'
b.	/miN'ʃuN/	'curupira'	['mĩʃũnĩ]	'curupira (ERG)'
c.	/ri'kiN/	'nariz'	['rikĩnĩ]	'nariz (meio)'
d.	/yu'ʃiN/	'espírito, alma'	['yũʃĩnĩ]	'espírito (ERG)'

2.1.3. O sufixo -pa

O sufixo -pa é afixado a iambos dissilábicos terminados em sílaba aberta. Simultaneamente, o acento da segunda sílaba se transfere para a primeira.

(6)	sa'ba	'saba-pa	'ia-ø	'taki=a-vai
	NP	NP-ERG	1SG-ABS	ajudar=AUX.T-REC
		'sa'ba me ajudou.'		

Os exemplos acima mostram que o Marubo utiliza tanto a morfologia quanto o acento como estratégias de marcação de caso. A alternância acentual em raízes dissilábicas pode ser atribuída ao acento veiculado pelo morfema ergativo.⁶ Como o acento primário é atribuído à primeira ou segunda sílaba da palavra, o acento do morfema ergativo não se superficializa em palavras com mais de duas sílabas.

⁵ Para as formas -N e -hV_{AI} postulamos -N como representação subjacente, sendo a forma -hV_{AI} obtida por epêntese.

⁶ As alternâncias acentuais associadas à marcação de caso não são observadas em outros processos de sufixação, embora padrões acentuais alternantes em algumas raízes verbais distingam entre o uso transitivo e intransitivo (ver Costa 1992). Por outro lado, a nasalização vocálica, combinada a alterações vocálicas a ela associadas, pode ser vista como um processo geral na língua, condicionado pelo contato de vogal com consoante nasal imediatamente seguinte.

2.2. MANIFESTAÇÕES DO PADRÃO ERGATIVO: PRESENTE, PASSADO E FUTURO

A marcação ergativa se manifesta em nomes e pronomes livres, em todas as pessoas, no singular e no plural. É empregada no presente, passado e futuro, para se referir a situações dinâmicas (eventos e processos). Eventos e processos são codificados da mesma forma em Marubo, isto é, não há distinções aspectuais no que diz respeito a ações completas e ações em progresso. O tempo presente é codificado morfológicamente pelo sufixo -*ai*, que indica PRESENTE MOMENTÂNEO ou PASSADO IMEDIATO (o passado de hoje). Esse sufixo é empregado para se referir a ações que acontecem (7) ou aconteceram (8) hoje/agora, podendo incluir o sentido PROGRESSIVO e HABITUAL (9 e 10).

(7) ma'tu-N 'nami-ø 'pi-**ai**

2PL-ERG carne-ABS comer- PRES/IM
'Você come carne.'

(8) tʃa'nu-N maN'siN-ø 'paki-**ai**

NP-ERG cuia-ABS derrubar-PRES/IM
'tʃanu derrubou a cuia.'

(9) ma'ya-N 'pani-ø 'kiki-**ai**

NP-ERG rede-ABS tecer-PRES/IM
'maya está tecendo rede.'

(10) nu'ki-N 'nami-ø nuN-'pi-**ai** ʃa'va'tuNtuNta'kima

1PL-ERG carne-ABS 1PL.AGT-comer-PRES/IM todo dia
'Nós comemos carne todo dia.'

Vários marcadores temporais podem codificar o tempo PASSADO, subdividido em vários graus de distância na escala temporal (cujo ponto de referência é o momento da fala). Com o uso desses marcadores, é possível aludir a situações que aconteceram ontem, há alguns dias, meses (ou luas), anos, e há muito tempo atrás.

(11) i'a-N miN-'pani-ø iN-'maʃti-**vai** na-ʃa'va-ma

1SG-ERG 3SG.POSS-rede-ABS 1SG.AGT-terminar-REC DEM-dia-NEG
'Eu terminei sua rede ontem.'

(12) i'a-N 'ʃopa-ø 'ata'raya-na'ma-N-ʃu iN-'wiN-ʃ'na

1SG-ERG NP-ABS Atalaia-abaxo-LOC-PROV 1SG.AGT-ver-REM
'Eu encontrei 'ʃopa em Atalaia (luas/anos atrás)'

Apenas um marcador temporal é empregado para indicar FUTURO:

- (13) 'aNtu-N ka'pi-ø 'yamama-'katsai
 3SG-ERG jacaré-ABS matar-FUT
 'Ele matará o jacaré.'

3. CISÃO CONDICIONADA PELO SISTEMA TAM: SISTEMA NOMINATIVO-ACUSATIVO

Além da marcação ergativa, a língua Marubo exibe outros sistemas de organização das relações gramaticais. Em certas construções, a marcação de caso opera de acordo com o sistema NOMINATIVO-ACUSATIVO. Esse tipo de cisão é motivada pelo sistema de tempo, aspecto e modalidade (sistema TAM, cf. Givón 1984). A marcação acusativa ocorre em construções que descrevem situações com uma estrutura temporal contínua, estável, permanente. O aspecto não-progressivo CONTÍNUO é codificado pelo marcador aspectual *-mis*. Juntamente com o marcador aspectual, o marcador de tempo PRESENTE *-ka* é usado para se referir a situações que ocupam um período mais longo que o momento presente, mas que incluem o momento presente. Esse marcador é também utilizado em formas adjetivas, para denotar qualidade inerente ou estado PERMANENTE. Os dados abaixo exemplificam a manifestação do padrão nominativo-acusativo.⁷

- (14) 'mia iʃ'na-ka
 2SG-NOM ruim-PERM
 'Você não presta.'

- (15) a. 'yura 'nami pi-'mis-ka
 gente.NOM carne.AC come-CONT-PRES
 'Gente come carne.'

- b. 'a ka'pi 'yamama-'mis-ka
 3SG.NOM jacaré.AC matar-CONT-PRES
 'Ele sempre mata jacaré.'

⁷ Se considerarmos a marcação morfológica, podemos dizer que tal sistema é NEUTRO, na medida em que a mesma marcação morfológica (no caso uma marca nula) é usada para todas as três posições sintáticas S, A e P. De acordo com Comrie (1978:340), a marcação de caso nominal neutra é compatível tanto com o sistema nominativo-acusativo quanto com o sistema ergativo-absolutivo, na medida em que não faz nenhuma distinção que a desvie de um ou outro desses dois sistemas. Considerando a ordem de palavras, assim como alguns aspectos sintáticos (ver Costa 1998), assumimos que as construções em questão operam numa base nominativo-acusativa.

Outro marcador temporal do Marubo, o sufixo *-ya*, ocorre em formas adjetivas que denotam qualidade ou estado RESULTATIVO. Esse marcador também ocorre com verbos estativos intransitivos ou transitivos.

- (16) na-'vi mi iʃ'na-ya
DEM-fruta-NOM ruim-RES
'Esta fruta está estragada.'

- (17) 'yura 'vu ma'pu-N 'a-ya
gente.NOM cabelo.AC cabeça-LOC AUX(T)(ter, existir)-PRES
'Gente tem cabelo na cabeça.'

O mesmo sufixo pode ser usado para estativizar construções ativas, sejam elas transitivas ou intransitivas, caso em que ele pode ser analisado também como um sufixo nominalizador. Com esse uso, essas construções descrevem ações contínuas ou genéricas, que são interpretadas mais como qualidade do que como atividade.

- (18) 'ʃai-ri'siN-ru 'nuya-ya
pássaro-PL.NOM-TOP voar-PRES/NOMIN
'Os pássaros voam.'

- (19) 'nuki 'askata 'aNtsa-ma-ʃta 'pia-ya
3PL.NOM sempre muito-NEG-DIM comer-PRES/NOMIN
'Nós sempre comemos pouco.'

- (20) 'puya ta'wa-N 'yapa 'a-ka-ya
NP.NOM flecha-INSTR peixe.AC AUX(T)(pescar)-PRES/NOMIN
'puya pesca com flecha.'

Os dados em 14-20 mostram que S é tratado da mesma forma que A. No sistema nominativo-acusativo, as relações gramaticais são estabelecidas por meio da ordem vocabular: a ordem SV para orações intransitivas e a ordem AOV para orações transitivas.⁸

No que diz respeito à modalidade, um dos componentes do sistema TAM, ela também é responsável por cisões no sistema ergativo. O padrão

⁸ Nas construções em que opera o sistema ergativo-absolutivo a ordem de palavras não é fixa, admitindo variações, geralmente por razões discursivas, entre a ordem pragmaticamente neutra SOV e as ordens OSV, SVO e OVS. Nos casos em que ocorrem cisões no padrão ergativo, a ordem SOV é rígida, na medida que ela é a única estratégia de marcação de caso em argumentos nucleares.

nominativo-acusativo é condicionado pela NEGAÇÃO e pela IMPOSSIBILIDADE de realização de uma situação.

De acordo com Dorigo e Costa (1996), o marcador de negação *-ma* é um operador que ocorre ao final da oração, sufixado ao verbo principal ou a um auxiliar. Da mesma maneira, a impossibilidade é marcada pelo operador modal *-tiNpa*. Geralmente, com a afixação dessas partículas, marcadores temporais que aparecem nas afirmativas correspondentes são omitidos ou se afixam ao auxiliar (21c).

- (21) a. *ma'yaNpa 'nami pi'a-ma*
 NP.NOM carne.AC comer-NEG
 'ma'yaNpa não come carne.'
- b. *'a 'rama 'ufa-ma*
 3SG.NOM hoje dormir-NEG
 'Ele não dormiu hoje.'
- c. *'ia maN'siN pa'ki-ma 'i-katsai*
 1SG.NOM cuia.AC derrubar-NEG AUX(I)-FUT
 'Eu não vou derrubar a cuia.'
- (22) a. *'jai 'nuya-tiNpa*
 pássaro.NOM voar-IMPOS
 'O pássaro não pode voar'
- b. *'matu 'raNtfa tʃi'vaN-tiNpa*
 2PL.NOM barco.AC alcançar-IMPOS
 'Vocês não podem alcançar o barco.'
- c. *'ia maN'siN 'vi-ina-tiNpa*
 1SG.NOM cuia.AC levantar-DIR-IMPOS
 'Eu não posso levantar a cuia.'

Em orações transitivas, a negação e a impossibilidade implicam a não-realização de uma atividade. Nesses casos, A não controla a situação, sendo então identificado com S, distinguindo-se de P apenas através da ordem AOV.

Segundo Dixon (1994:101), se uma língua apresenta uma cisão condicionada pelo tempo ou pelo aspecto, a marcação ergativa é sempre encontrada ou no tempo passado ou no aspecto perfectivo. Em sua visão, é mais provável que a marcação ergativa seja encontrada em orações que descrevem algum resultado definido, no tempo passado ou no aspecto perfectivo.

É menos provável que um sistema ergativo seja empregado quando a oração se refere a algo que ainda não aconteceu (tempo futuro), não seja completo (aspecto imperfectivo) ou não tenha acontecido (polaridade negativa). Nem todas essas previsões se confirmam no Marubo, na medida em que a marcação ergativa é empregada, não apenas no passado, mas também no presente (que inclui o sentido habitual e progressivo) e no futuro.

4. CISÃO CONDICIONADA PELA NATUREZA SEMÂNTICA DO ARGUMENTO VERBAL: SISTEMA AGENTE-PACIENTE

Outro tipo de cisão que ocorre na língua diz respeito ao emprego de clíticos pronominais. Em Costa (1998), propomos, seguindo Dixon (1994), que os clíticos pronominais do Marubo operam de acordo com o sistema de sujeito cindido ('split-S'), um tipo de cisão condicionada pela natureza semântica do verbo. Uma análise mais aprofundada dos dados revela, entretanto, que essas formas operam de acordo com a natureza semântica do argumento verbal, o que nos leva a uma reclassificação do Marubo, de acordo com a proposta de Mithun (1991).

Como se pode observar no quadro abaixo, os pronomes possessivos do Marubo se desenvolveram a partir de pronomes livres marcados pelo morfema -*N*. Como não são acentuadas, essas formas se cliticizam diante de sintagmas nominais, de acordo com a mesma ordem possuidor-possuído observada em nominais nessa mesma relação. Isso pode ser observado em 23a,b.

Singular				Plural		
	ABS	ERG	POSS/AGT	ABS	ERG	POSS/AGT
1	'ia	i'aN	iN	'nuki	nu'kiN	nuN
2	'mia	mi'aN	miN	'matu	ma'tuN	maN
3	'a	'aNtuN	aN	'atuvu	'atuvuN	atuN

Sistema pronominal do Marubo

(23).a. 'vini-ø 'wita-ai-ka-ya=na .. aN='taki-ø
 homem-ABS peixe-PRES/IM-ir-NOMIN=FOC 3SG.POSS=irmão-ABS
 'O homem que foi pescar é irmão dele(a).'

b. i'a-N .. miN='pani-ø .. iN='mafti-vai
 1SG-ERG 2SG.POSS=rede-ABS 1SG.AGT=terminar-REC
 'Eu terminei sua rede.'

Além disso, os mesmos clíticos pronominais operam, independentemente do sistema ergativo, sobre uma base semântica: eles são usados para marcar agentes semânticos. Nesse caso, eles se cliticizam, mais frequente-

mente, diante do verbo, podendo cliticizar-se também diante de P, referindo-se, em ambas as posições, ao agente de um verbo intransitivo ativo, como em 24, ou ao agente de um verbo transitivo ativo, como em 25. Não há formas explícitas para se referir a pacientes semânticos de verbos transitivos (25); ou a pacientes semânticos de verbos intransitivos (26).

- (24) a. 'ia-ø iN=wi'fa-i-ki
 1SG-ABS 1SG-AGT=escrever-AUX-(I)-PRES
 'Eu estou escrevendo.'
- b. 'mia-ø 'ramaka-si miN-mu'nu-ai
 2SG-ABS agora-MODO 2SG-AGT=dançar-PRES/IM
 'Você está dançando agora.'
- (25) a. nu'ki-N mi'aN-ø nuN='tʃafi-ai
 1PL-ERG galho-ABS 1PL.AGT=quebrar-PRES/IM
 'Nós quebramos o galho.'
- b. ma'tu-N 'ia-ø maN-ʃu'tuN-ai
 2PL-ERG 1SG-ABS 2PL.AGT=empurrar-PRES/IM
 'Vocês me empurraram.'
- (26) a. 'a-ø ma='vupi-ai
 3SG-ABS já=morrer-PRES/IM
 'Ele já morreu.'
- b. ma'niʃi-ø pa'ki-ai
 NP-ABS cair-PRES/IM
 'ma'niʃi caiu.'

De acordo com Mithun (1991:511), 'sistemas gramaticais cujos argumentos de verbos intransitivos são categorizados ora como agentes transitivos ora como pacientes transitivos, podem se basear numa variedade de distinções semânticas, entre as quais estão o aspecto e a agentividade. Para tal organização grammatical ela propõe dois tipos de classificação: (a) sistema AGENTE-PACIENTE, com categorização dos argumentos marcados por caso e (b) sistema ATIVO-ESTATIVO, com categorização dos predicados que aparecem com nominais em cada caso. No sistema agente-paciente, participantes que 'desempenham, efetuam, instigam e controlam' a situação denotada pelo predicado são categorizados de forma distinta daqueles que não o fazem. No sistema ativo-estativo, argumentos de eventos se distinguem de argumentos de estado. De acordo com essa visão, o Marubo pode ser classi-

ficado como um sistema agente-paciente: o uso de clíticos pronominais reflete a agentividade semântica. Eles se referem a agentes semânticos de verbos transitivos, tais como os verbos empurrar, beber, costurar, ralar e lavar, incluindo nessa classe verbos de cognição, como pensar, ver, ouvir e contar; e a agentes semânticos de verbos intransitivos que indicam ação, movimento ou mudança de posição, como cantar, chorar, vir, ir, correr, dançar, levantar, e sentar. Nenhum clítico é empregado com verbos que denotam estados que afetam seus participantes, como ser/estar ruim, ser/estar triste, ser/estar zangado, ser/estar sedento e ser/estar faminto, assim como com verbos que indicam posição do corpo, como estar sentado, estar em pé ou estar deitado. Pacientes semânticos de verbos que denotam eventos, como cair, morrer, dormir, que de fato não são desempenhados, efetuados, instigados ou controlados também não são marcados por clíticos pronominais.

Conforme observa Mithun, os traços que constituem a agentividade — desempenho/efeito/instigação e controle — podem não co-ocorrer em todas as situações; um participante pode desempenhar, efetuar e instigar uma ação, como soluçar ou espirrar, sem estar no controle. Ao contrário, um participante pode controlar intencionalmente uma ação, como tossir ou cair, que, de outra maneira, teria sido desempenhada, efetuada e instigada acidental ou involuntariamente. Em Marubo, a ocorrência ou ausência de clíticos pronominais reflete o grau de controle que um participante pode exercer em situações como essas. Compare-se o exemplo em 26b com os exemplos em 27. Em 26b e 27b, o participante não controla a ação veiculada pelo verbo. Nesses exemplos, não há emprego do clítico pronominal antes do verbo *pa'ki* 'cair'. Já em 27a, o marcador agentivo é cliticizado ao verbo, na medida em que o participante exerce controle sobre a ação de cair.

(27) a. 'puya-ø 'askatai aN=pa'ki-rivi
NP-ABS de propósito 3SG.AGT=CAIR-ENF
'puya caiu de propósito.'

b. 'puya-ø pa'ki-naN a-'ri aN=i-'ki-ma
NP-ABS cair-FOC 3SG-REFL 3SG.AGT=AUX.I-PRES/IM-NEG
'puya caiu; ele não fez por si mesmo.'

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua Marubo exibe três sistemas de marcação de caso: o sistema ergativo-absolutivo e o sistema nominativo-acusativo, no que diz respeito ao emprego de nomes e pronomes livres; e o sistema agente-paciente, no

que diz respeito ao uso de clíticos pronominais. Cisões no padrão ergativo são condicionadas pelo sistema de tempo, aspecto e modalidade e pela natureza semântica do argumento verbal.

A marcação ergativa é empregada em construções transitivas que descrevem situações dinâmicas, com ou sem estrutura temporal interna, que podem efetivamente acontecer no passado, no presente e no futuro. O sistema nominativo-acusativo se manifesta em construções que se referem a situações com uma estrutura temporal contínua, estável, permanente, ou a situações que na realidade não aconteceram ou são impossíveis de acontecer (negação, impossibilidade). O sistema agente-paciente se manifesta no uso de clíticos pronominais, que marcam agentes de verbos intransitivos ou transitivos ativos. O sistema agente-paciente pode operar simultaneamente ao sistema ergativo-absolutivo, resultando, como consequência, na co-referência entre formas (pro)nominais livres e clíticos pronominais.

Acreditamos que um estudo comparativo, envolvendo outras línguas Pano, pode levar a uma maior compreensão da tipologia dessa família linguística, na medida em que pode revelar outros tipos de cisões, assim como outras motivações, além daquelas identificadas no presente estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Comrie, B. 1978. "Ergativity". Em W. P. Lehman (ed.), *Syntactic typology: studies in the phenomenology of language*, 329-394. Austin: University of Texas Press.
- Clements, G. N. e E. Hume. 1995. "The internal organization of speech sounds". Em J. Goldsmith (ed.), *The handbook of phonological theory*, 245-306. Cambridge and Oxford: Blackwell.
- Costa, R. G. R. 1992. *Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano)*. Dissertação mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. 1998. "Aspects of ergativity in Marubo (Panoan)". *The journal of Amazonian languages* 1, no. 3:50-103.
- _____. 2000a. *Aspectos da fonologia Marubo: uma visão não-linear*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. 2000b. "Case marking in Marubo (Panoan): a diachronic approach". *Proceedings of the Workshop on American Indigenous Languages*. Santa Barbara: University of California.
- Dixon, R. M. W. 1979. "Ergativity". *Language* 55:59-138.
- _____. 1994. *Ergativity*. Cambridge Studies in Linguistics 69. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dorigo, C. T. e R. G. R. Costa. 1996. "Aspectos de la negación en Matsigenka y Marubo (Pano)". Artigo apresentado nas Jornadas de Antropologia de

La Cuenca Del Plata - II Jornadas de Etnolingüística. Rosario, Argentina.

Givon, T. 1984. *Syntax: a typological functional introduction*, vol. I. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.

Hayes, B. 1995. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago and London: the University of Chicago Press.

Mithun, M. 1991. "Active/agentive case marking and its motivations". *Language* 67, no. 3:510-56.

_____. 1999. *The languages of native North America*. Cambridge Language Surveys. Cambridge: Cambridge University Press.

Silverstein, M. 1976. "Hierarchy of features and ergativity". Em: R. M. W. Dixon (ed.), *Grammatical categories in Australian languages* (AIAS Linguistic Series 22), 112-71. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies.

Ergatividade cindida em Matsés

Carmen Dorigo (Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro)

1. OS MATSÉS

Os índios Matsés estão distribuídos por cinco comunidades distintas localizadas às margens esquerda (Santa Sofia e Ituxi – Peru) e direita (Lameirão, Lobo e 31 – Brasil) do rio Javari no estado do Amazonas.

Levando-se em conta a constatação do número reduzido de falantes (menos de 1000 índios) e dentre esses um número bem menor de falantes adultos; e considerando-se, ainda, as pressões constantes exercidas pela sociedade envolvente, acreditamos ser prioritária e relevante a pesquisa lingüística junto a esse grupo (Carvalho, 1992; Dorigo, 2001).

2. SISTEMA ERGATIVO-ABSOLUTIVO

Do ponto de vista dos argumentos sintáticos, em Matsés, contamos com marcas morfo-sintáticas para identificar os constituintes que desempenham certas funções dentro da oração, como é o caso dos argumentos sujeito, oblíquo (circunstanciadores verbais), dativo-benefactivo, genitivo-posses-sivo, e do próprio verbo (conferir Carvalho, 1992).

O sujeito marcado distingue-se por receber uma marca nasal¹, acrescentada à sua base, nasalizando, desse modo, na realização fonética, a vogal que a precede. Caso a base do argumento-sujeito termine por uma sílaba travada, a língua promoverá uma reorganização silábica, na qual a consoante-coda passará a consoante-onset, formando uma nova sílaba que inclui uma vogal epentética para receber a marca nasal:²

¹ Os argumentos oblíquo, dativo-benefactivo e genitivo-possessivo também são diferenciados com essa mesma marca morfológica.

² As seguintes abreviaturas aparecem nas glosas: ABS = absolutivo; AC = acusativo; ASS = associativo; ASSE = asserção; AUX = auxiliar; BEN = benefactivo; CAUS = causativo; DIM = diminutivo; DIS = discurso; EPE = epêntese; ERG = ergativo; GEN = genitivo; INT = interrogativa; INI = início de ação; INTS = intensificador; LOC = locativo; NEG = negação; NOMIN = nominalizador; OBL = argumento oblíquo; PAS = passado; PL = plural; NP = nome próprio; POSS = possessivo; REC = passado recente; SG = singular; 1, 2, 3 = primeira, segunda, terceira pessoas.

- (1) a. bĩ'rĩ pǎʃ'tō 'pēʔ³
 biri-N pǎʃtǔ-Ø pε-ε
 onça-ERG macaco-ABS comer-NÃO PAS
 'Onça come macaco.'
- b. nwĩ'rĩ tʃĩ'rō bū'nēʔ
 nuit-i-N tʃirǔ-Ø bunε-ε
 3SG-EPE-ERG ela, mulher-ABS gostar-NÃO PAS
 'Ele gosta dela.'

Baseamos a hipótese da ergatividade na língua Matsés na comparação da relação sujeito-verbo transitivo/intransitivo, na qual o sujeito do verbo transitivo aparece diferenciado através da marca nasal (cf. (1)); ao passo que o sujeito do verbo intransitivo – do mesmo modo que o argumento objeto-transitivo – carrega a marca morfo-sintática Ø. Confira em (2) a seguir:

- (2) a. ũ'bĩ nwĩ'kĩt ǎ'bē'tsĩʔ bē'rō
 u-N-bi nui-kit-Ø abεN-tsi bet-ǔ
 1sg-ERG-NOMIN peixe-NOMIN-ABS sozinho-INTS pegar-REC⁴
 'Eu peguei um peixe'
- b. ẽ'mē ũ'fēʔ 'dĩ
 εmε-Ø uʃ-ε di-N
 NP-ABS dormir-NÃO PAS rede-LOC
 'Eme está dormindo na rede.'

Observe em (3) que o eixo transitividade/intransitividade funciona mesmo quando o argumento-objeto não se encontra realizado na sentença:

- (3) a. pē'mĩ ǎʔ'tē ǎʔ'kōʃ
 pemi-N a-te-Ø ak-ǔ-ʃ
 NP-ERG água-NOMIN-ABS beber-REC-3SG
 'Pemi bebeu água'

³ O correlato prosódico do acento em Matsés é a intensidade; registrando-se que a duração longa decorre da organização rítmica da língua, acontecendo apenas antes de pausa. O Matsés é uma língua que conta sílaba, e não mora (ver Dorigo, 2001).

⁴ O passado recente em Matsés alcança até três dias à esquerda da linha de tempo. A noção de passado apresenta, ainda, outras duas marcas morfológicas: **-pa** e **-da**; essa última representa o passado remoto, o qual traduz fatos ocorridos de um mês para trás (ver Carvalho, 1992).

- b. tũ'mĩ ă?'kõf
 tumi-N ak-ɔ-ʃ
 NP-ERG beber-REC-3SG
 'tumi bebeu'.

3. CISÃO DO PADRÃO ERGATIVO

Mas há momentos em que a ergatividade se quebra. Confrontando os dados da língua, observamos que os condicionamentos para a cisão da ergatividade em Matsés não se encontram dentro daqueles consagrados pela literatura tipológica (cf. Silvertein, 1976; Comrie, 1978; Dixon, 1979, 1994; Franchetto et alli, 1989). Fatores como tempo/aspecto verbal, oração afirmativa/negativa, hierarquia das orações no período (subordinadas ou não), hierarquia referencial dos nominais, natureza semântica dos nominais (animados/inanimados) e agentividade (sujeito agente/paciente) não explicam a cisão da ergatividade na língua. Confira em alguns exemplos a seguir:

- (4) a. dũ'nũ nyũnă'nõf 'ʃyẽ'bĩt'
 dunu niunan-ɔ-ʃ ʃiaN-bit
 NP brigar-REC-3SG NP-ASS
 'dunu brigou com ʃiaN.'
- b. ẽ'mẽ mǎ'yũ nyũ'nõf dũ'nũbĩ'tǎ
 ɛmɛ-N maiu-Ø niun-ɔ-ʃ dunu-bita
 NP-ERG NP-ABS brigar-REC-3SG NP-ASS
 'eme brigou com maiu e dunu.'
- (5) a. ũ'bĩ pẽ'bĩt' 'pěsǎ'nẽ?
 u-bi paNbit pɛ-ɛ-sa-nɛ
 1SG-NOMIN carne comer-NÃO PAS-nunca-ASSE
 'Eu nunca como carne.'
- b. bĩ'rĩ pǒʃ'tō 'pẽ?
 biri-N pɔʃtɔ-Ø pɛ-ɛ
 onça-ERG macaco-ABS comer-NÃO PAS
 'Onça come macaco'
- (6) a. dũ'nũ tẽ'tyẽkyǒ'kẽ? 'pǎʃũ'nẽ?
 dunu taNti-ɛNkiɔ-ke paʃu-ne
 NP ouvir-NEG-AUX surdo-ASS
 'dunu não ouve, é surdo.'

b. ăy'rĩ tẽ'tyē?
ait-N taNti-ε
3SG-ERG ouvir-NÃO PAS
'Ele ouve.'

c. ũ'bĩ tẽ'tyēkyǎ'kē?
u-N-bi taNti-εNkiɔ-kε
1SG-ERG-NOMIN ouvir-NEG-AUX
'Eu não estou ouvindo'

d. tʃi'rǎ'bō dăʃkũ'tē pǎ'ně?'sā ă'tē?
tʃiɔ-bo-N dăʃkute-Ø pan-ε-sa ate-N
3SG/mulher PL-ERG roupa-ABS lavar-NÃO PAS-nunca rio-LOC
'Elas nunca lavam roupa no rio.'

Tomando-se os exemplos acima, podemos observar que:

a) Do ponto de vista da agentividade do sujeito:

Confrontando-se os sujeitos-agente em (4) e (5), observamos que esses aparecem ora marcados ((4)b e (5)b), ora não-marcados morfologicamente ((4)a e (5)a);

b) Do ponto de vista do tipo de verbo:

A realização da marca ergativa mostrou-se oscilante em dados com o mesmo verbo, empregado, ainda, em uma mesma acepção. Compare (4)a-b, (5)a-b e (6)a-b;

c) Do ponto de vista da negação verbal:

Os dados confrontados em (6) a-b-c-d revelam novamente que o emprego da negação verbal não esclarece e tampouco determina a cisão do padrão ergativo;

d) Do ponto de vista do tempo/aspecto verbal:

Comparando-se os dados (5), (6) (tempo não-passado; ação durativa) e (4) (tempo passado; ação pontual) observamos, mais uma vez, a oscilação da presença da marca ergativa, independentemente do tempo/aspecto empregado na oração;

e) Do ponto de vista do emprego dos nominais:

Os dados acima em (4), (5) e (6) revelam que tanto nomes, quanto pronomes podem igualmente receber a marca ergativa; além disso, temos que o pronome *nuki* (primeira pessoa do plural) se diferencia dos restantes

dos pronomes por nunca receber a marca nasal (para maiores explicações sobre a marca ergativa nos pronomes, ver Carvalho, 1992). Confira os dois exemplos a seguir:

(7) a. nũ'kĩ mĩ'bĩ'bõ kwě'sõ?

nuki mibi-bõ kues-õ

1PL 2SG-PL bater-PAS

‘Nós batemos em você.’

b. mĩ'bĩ nũ'kĩ kwě'sõ?

mi-N-bi nuki-Ø kues-õ

2SG-ERG-NOMIN 1PL-ABS bater-PAS

‘Você bateu em nós.’

f) Do ponto de vista da hierarquia das orações:

Os enunciados a seguir trazem exemplos da alternância da realização da marca ergativa tanto em sujeitos de orações principais, quanto em sujeitos de orações subordinadas, respectivamente, dados (8) e (9):

(8) a. 'tõsĩ nã'kwẽ tẽtyă'pẽ tũ'mĩ ỹ'să?'kõʃ

tõsi nakua-N taNtia-pe tumi-N isak-õ-ʃ

INT NP-ERG achar-DISC NP-ERG ver-PAS-3SG

‘O que nakua acha que tuni viu?’

b. pẽ'mĩ tẽ'tyāy? mĩ'bĩ pẽ'mĩ bū'nẽ?

pemi taNtia-ε mi-N-bi pemi bun-ε

NP achar, pensar-NÃO PAS 2SG-ERG-NOMIN NP gostar-NÃO PAS

‘pemi acha que você gosta dela’.

(9) a. mǎ'yũ pẽ'mĩ dǎ'wĩă?'kāwʃ pǎ'ĩ'kěkĩ'ĩ

maiu-N pemi-N dauĩ ak kauf pari-ikε-kit-i-N

NP-ERG NP-ERG remédio tomar CAUS não-AUX-NOMIN-EPE-OBL

‘maiu fez pemi tomar remédio sem ela querer’

b. mǎ'yũ tʃĩ'rõ dǎ'wĩă?'kāwʃ pǎ'ĩ'kěkĩ'ĩ

maiu-N tʃĩrõ dauĩ ak-kauf pari-ikε-kit-i-N

NP-ERG mulher remédio tomar-CAUS não-AUX-NOMIN-EPE-OBL

‘maiu fez a mulher tomar remédio obrigada’.

g) Do ponto de vista da natureza semântica dos nominais:

Apesar de encontrarmos no corpus estudado apenas dois exemplos de sujeitos representados por nomes inanimados, os dados a seguir revelam que – por receberem a marca ergativa – a natureza semântica dos nomes (animados/inanimados) não nos possibilita explicar a quebra do padrão ergativo em Matsés.

(10) kũ'kěkĩ'rĩ kũ'těpǎ'rō ʔf̥kũ'nē?

kuNkɛkit-i-N kute pɔɾɔ-Ø ʔf̥kun-ɛ

vento-EPE-ERG pau braço-ABS balançar-NÃO PAS

‘O vento balança os galhos das árvores.’

(11) 'wěă?'tē nĩtsĩ'nāyt' mĩyă'nē?

ue aʔte-N nitsin-ait-Ø miian-ɛ

chuva água-ERG plantar-NOMIN-ABS molhar-NÃO PAS

‘A água da chuva molha a plantação.’

Observamos, ainda, que a presença de outras marcas morfo-sintáticas nos argumentos sujeito e/ou objeto não impedem a presença do marcador ergativo. Conforme podemos verificar nos exemplos a seguir, que carregam, respectivamente, as marcas de **plural** (em (12)), **benefactivo** (em (13)), **diminutivo** (em (14)) e **marcas discursivas** (em (15) e (16)) (Confira ainda os exemplos anteriores que carregam a marca **associativa** -bit(a).):

(12) mĩ'bĩ'bō ă'rā mǎ'tʃĩ bwă'nō

mi-N-bi-bō ara matʃi-Ø buan-ɔ

2SG-ERG-NOMIN-PL INT farinha-ABS levar PAS

‘Vocês levaram farinha.’

(13) pě'mĩ tʃiw'ʃĩ'nā tsĩ'tē

pemi-N tʃiuʃi-na tsitaN-Ø

NP-ERG NP-BEN cesta-ABS

‘pemi fez uma cesta para tʃiwʃi.’

(14) bǎ'kwĩ'pĩ pǎʃtōykwētē ʃyōnōʃ

bakui-N-pi-N pǎʃtɔ-N iNkueNte-Ø ʃɔiɔN-ɔ-ʃ

menino-ERG-DIM-ERG macaco-POSS rabo-ABS puxar-PAS-3SG

‘O menino puxou o rabo do macaco.’

(15) kǎ'nĩ 'dĩ ẽ'tsěnũ'kyōʃ

kani-N di-Ø aNtse-nuN-kioʃ

NP-ERG rede-ABS tecer-INI-‘ouvi dizer’

‘kani vai tecer rede.’

- (16) nwĩ'rĩ ɨʃ'kɔ ẽ'pẽ?
 nuit-i-N iʃkɔ-Ø aN-pe
 3SG-EPE-ERG NP-ABS roubar-‘indagação’
 ‘Ele vai roubar iʃkɔ?’

Conforme Carvalho (1992), apesar da aparente inexplicabilidade, a quebra da ergatividade pode, no entanto, ganhar sentido se observarmos dois fatores:

i - a marca ergativa consiste em um recurso oferecido pela língua para se identificar a função dos elementos na oração; e que

ii - para desempenhar tal tarefa, estão inter-relacionados as marcas morfo-sintáticas, a ordenação frasal e o contexto do enunciado.

Tendo em vista tais fatores, poderíamos levantar a seguinte hipótese:

- a decisão de usar ou não a marca morfológica no sujeito teria também como princípio o objetivo de evitar ambigüidade, ao se distinguir os elementos ocupantes da posição de sujeito e da posição adjacente ao verbo.

Portanto:

I - Na opção de **marcar** o sujeito, levar-se-ia em consideração:

A - Se o **complemento verbal** – presente ou não – poderia desempenhar a função de sujeito, dando margem à ambigüidade sintática:

- (17) tũ'mĩ pẽ'mĩ bũ'nẽ?
 tumi-N pemi-Ø bune-e
 NP ERG NP-ABS gostar⁵-NÃO PAS
 ‘tumi gosta de pemi.’

Nesse exemplo os dois argumentos verbais estariam habilitados a ocupar a posição de sujeito.

B - Se há **mais de um complemento verbal**, fazendo aumentar a margem de ambigüidade:

- (18) ă'rā mĩ'bĩ'bɔ kă'nĩ dũ'nĩ ɨ'sɔ?
 ara mi-N-bi-bɔ kani-Ø duni-Ø is-ɔ
 INT 2SG-ERG-NOMIN-PL NP-ABS NP-ABS ver-PAS
 ‘Vocês viram kani e duni?’

⁵ O verbo *bune* é empregado ainda nas acepções de ‘querer’ e ‘amar’.

A marca ergativa em (18) nos esclarece que o sujeito não é *kani* e *duni*.

C - Se a ordem escolhida é ou não a **ordem básica SOV** (Sujeito–Objeto–Verbo)⁶:

- (19) ũ'bī kũ'pē kwě'sōŋ
 u-Ø-bi kuN-pa-N kuεs-ɔ-ŋ
 1SG-ABS-NOMIN POSS-pai-ERG bater-PAS-3SG
 'Meu pai me bateu.'

Sem a marca ergativa poderíamos entender que o sujeito seria *ubi* – argumento ocupante da posição de sujeito na ordem básica SOV.

II - Na opção de **não** marcar o sujeito, considerar-se-ia:

A - Se o **complemento verbal** – presente ou não – não geraria ambigüidade sintática e/ou semântica, mesmo ocupando a posição inicial na oração (OSV):

- (20) 'mĩtʃis'tē ũ'bī būnē?
 miN tʃiste u-bi bun-ε
 POSS facão 1SG-NOMIN querer-NÃO PAS
 'Eu quero teu facão.'

Por razões de ordem semântica, *tʃiste* (facão) estaria impedido de ocupar a posição de argumento-sujeito do verbo *bunε* (querer, amar, gostar).

B - Se **não há complemento verbal** presente:

- (21) ũ'bī bū'nē?
 u-bi bun-ε
 1SG-NOMIN querer-NÃO PAS
 'Eu quero.'

C - Se a **ordem escolhida** mantém o sujeito na posição inicial, como é o caso da ordem básica SOV:

⁶ A língua Matsés admite, além da ordem básica SOV (a mais representativa do corpus estudado), a organização SVO e a OVS (ver Carvalho, 1992)

- (22) 'wīt' ũ'bī bū'nē?
 uit u-bi bun-ε
 3SG 1SG-NOMIN gostar-NÃO PAS
 'Ele gosta de mim.'

A ordem básica em (22) garante o entendimento correto de qual seria o argumento ocupante da posição de sujeito.

Portanto, tomando-se o ponto de vista do falante, e observando os fatores apontados acima, a nossa hipótese é a de que a decisão de usar ou não a marca ergativa indicaria, além da pressão sintática, uma atitude tomada pelo falante no nível do discurso. Atitude essa possivelmente relacionada ao grau de ambigüidade potencial apresentado pelo seu enunciado.

E, no que diz respeito à marcação morfológica, estamos considerando que, no caso da cisão do sistema ergativo, operar-se-ia na língua Matsés o sistema neutro, traduzido pela ausência de marcas morfológicas (marca nula) nos argumentos sujeito e objeto.⁷

Chamamos atenção ainda para o fato de que ocorre uma cisão no padrão ergativo, no que diz respeito ao emprego das formas pronominais. A forma *nuki* (primeira pessoa do plural), como mencionamos anteriormente, nunca é marcada pelo morfema ergativo, mesmo em construções nas quais aquela marca seria prevista.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o caminho para a confirmação das hipóteses aqui levantadas tanto sugere novos e mais aprofundados estudos em textos da própria língua, quanto aponta para a direção de um estudo comparativo entre as línguas da família Pano – procedimento que, parece-nos, poderia revelar outras pistas no sentido do entendimento da gramática do Matsés, e mais amplamente, ofereceria uma valiosa contribuição aos estudos tipológicos das línguas pertencentes à família Pano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carvalho, C. T. D. de. 1992. *A decodificação da estrutura frasal em Matsés (Pano)*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁷ O sistema neutro caracteriza-se por identificar os argumentos verbais através da mesma marca morfológica. No caso do Matsés essa marca seria um morfema Ø (ver Comrie 1978).

- Comrie, B. 1978. "Ergativity". *Syntactic typology: studies in the phenomenology of language*. Em W. P. Lehman (ed.), 329-394. Austin: University of Texas Press.
- Dixon, R. M. W. 1979. "Ergativity". *Language* 55:59-138.
- Dixon, R. M. W. 1994. *Ergativity*. Cambridge Studies in Linguistics 69. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dorigo, C. T. 2001. *Fonologia Matsés: uma análise baseada em restrições*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Francheto, B., Y. de F. Leite e M. D. Vieira. 1989. *A Ergatividade nas línguas indígenas brasileiras: um estudo morfossintático*. Inédito.
- Silverstein, M.. 1976. "Hierarchy of features and ergativity". Em: R. M. W. Dixon (ed.) *Grammatical categories in australian languages* (AIAS Linguistic Series 22), 112-71. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies.